

ATLAS

DE

ILHAS REMOTAS

Judith Schalansky



*Cinquenta e cinco ilhas
onde nunca estive
e nunca estarei*

ELSINORE

ÍNDICE

6

PREFÁCIO À NOVA EDIÇÃO

Isolario. Ratos mutantes, canários emudecidos, ilhas obscuras.

20

PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO

O paraíso é uma ilha. O inferno também.

OCEANO ÁRTICO

Solidão, 40 Ilha dos Ursos, 44 Ilha Rudolf, 48

OCEANO ATLÂNTICO

St. Kilda, 54 Ilha da Ascensão, 58 Brava, 62 Annobón, 66

Santa Helena, 70 Trindade, 74 Ilha Bouvet, 78

Tristão da Cunha, 82 Tule do Sul, 86 Gonçalo Álvares, 90

OCEANO ÍNDICO

Ilha de São Paulo, 96 Ilhas Keeling do Sul, 100

Ilha da Possessão, 104 Diego Garcia, 108 Amesterdão, 112

Ilha do Natal, 116 Tromelin, 120 Sentinela do Norte, 124 Agalega, 128

OCEANO PACÍFICO

Napuka, 134 Rapa Iti, 138 Robinson Crusoé, 142

Ilha Howland, 146 Ilha Macquarie, 150 Fangataufa, 154

Ilha Atlasov, 158 Taongi, 162 Ilha Norfolk, 166

Pukapuka, 170 Ilha dos Antípodas, 174 Floreana, 178

Banaba, 182 Ilha Campbell, 186 Pingelap, 190 Ilha da Páscoa, 194

Pitcairn, 198 Semisopochnoi, 202 Atol Clipperton, 206

Ilha Raoul, 210 Socorro, 214 Iwo Jima, 218 São Jorge, 222

Tikopia, 226 Pagan, 230 Ilha do Coco, 234 Takuu, 238

Nukulaelae, 242 Ilhas Midway, 246

OCEANO ANTÁRTICO

Ilha Laurie, 252 Ilha Deceção, 256

Ilha Franklin, 260 Ilha Pedro I, 264

268

GLOSSÁRIO

Prefácio à nova edição

ISOLARIO.

RATOS MUTANTES,

CANÁRIOS EMUDECIDOS,

ILHAS OBSCURAS.

N o verão de 2009, duas semanas depois de me ter convencido, numa tipografia em Mainz, de que o meu trabalho no *Atlas de Ilhas Remotas* estava, por ora, concluído — pelo menos no que dizia respeito a essa primeira edição —, o meu olhar recaiu, na biblioteca, sobre um volume com o auspicioso título *Isolario*. Peguei nele e, para meu grande espanto, vi-me obrigada a constatar que o género de livro que julgava ter acabado de inventar já existia há muito. Eram aquelas enciclopédias portáteis das ilhas, conhecidas precisamente como *isolarii*, que nos séculos xv e xvi eram muito apreciadas, sobretudo na república lagunar de Veneza — um centro da navegação marítima, bem como da arte da impressão, nos seus primórdios —, e que reúnem ilhas e nada mais: ilhas próximas e distantes, já conhecidas e avistadas pouco tempo antes, lendárias e exóticas, concisamente retratadas com imagens cartográficas, vistas costeiras, bem como descrições historiográficas e literárias, juntamente com informações sobre a posição, a dimensão, possíveis baixios e possibilidades de desembarque.

Pelos vistos, trouxera de novo à vida, sem o saber, um género de livro em grande medida esquecido, mas extremamente deslumbrante, que tem a sua origem na ensombrecida

zona de fronteira entre o diário de viagem e o Atlas do mundo, com o qual partilha a característica de, na sequência de novas circum-navegações, registar continuamente novas linhas costeiras e experiências. Pensa-se — segundo li — que o modelo de todos os *isolarii* posteriores é o *Liber insularum archipelagi* — também conhecido como *Insularium Illustratum* —, publicado em 1420 em Rodes e em Constantinopla, um Atlas enciclopédico, organizado de forma aleatória, composto por setenta e nove ilhas, arquipélagos e alguns locais costeiros dos mares Jónico e Egeu, que combina conhecimentos geográficos, náuticos e históricos do mundo para responder não só às necessidades práticas, mas também ao desejo de contemplação e lazer. No prefácio, uma dedicatória ao cardeal Orsini, o autor, um monge florentino chamado Cristoforo Buondelmonti, que conhecia as águas gregas por as ter visto com os seus próprios olhos, escreve: *Aqui lho envio, para que possais ter o prazer, quando tomado pelo cansaço, de deixar vaguear livremente os vossos pensamentos*, o que pode perfeitamente ser entendido como um convite ao *Armchair Travelling*.

Não obstante, estes *isolarii* — surgidos no início da época das gravosas aspirações europeias de expansão — eram transportados a bordo também como manuais de pilotagem, enquanto o meu Atlas de ilhas, como fez notar um *skipper*, mais tarde, em tom crítico, numa carta ao editor, revelava ser completamente inútil para navegar à vela. Essa não seria a única carta que, nos anos que se seguiram, em que o meu livro foi publicado em cada vez mais países, recebi de todos

os cantos do mundo. Chegaram-me às mãos um envelope com um adorno caligráfico enviado de uma estação polar, pedidos de bibliografia, numerosas correções, bem como uma série de sugestões de adendas que — uma vez que a ilha de Jan Mayen é infelizmente sobredimensionada em relação à escala pela qual optámos, sucedendo o mesmo com a Ilha Heard e as Ilhas McDonald, ou com as Kerguelen — não me foi possível incluir, nem mesmo na presente edição revista e aumentada. Soube de *globetrotters* — todos homens, e de fraca imaginação — que se propuseram como meta visitar em pessoa o maior número possível de ilhas referidas no meu livro. O certo é que há muito que o meu Atlas ganhara uma vida própria e continuava — dei-me conta disso, não sem uma pontinha de satisfação — a dar a volta ao mundo mais vezes, sem dúvida, do que eu alguma vez teria conseguido ou desejado fazer. Parecia também ter um efeito estimulante e inspirar projetos literários semelhantes; pelo menos, não tardaram a aparecer Atlas poéticos sobre lugares lendários ou inquietantes, paraísos desaparecidos ou cidades submersas, ilhas-fantasma ou estranhas linhas de fronteira, nos quais se cruzam apropriações cartográficas e narrativas do mundo. Os *isolari* dos princípios da era moderna marcaram o início de uma época de exploração irrefreada do mundo e, como só a navegação prometia o acesso a territórios inexplorados, fragmentaram o mundo conhecido num exótico reino insular acessível a partir do mar. Os Atlas poéticos de hoje, em contrapartida, situam-se no fim dessa evolução e respondem claramente à necessidade de, num mundo globalizado,

mensurado de um a outro extremo e curto-circuitado por complexas relações de exploração, voltar uma vez mais a invocar as ilhas do desconhecido, do assombroso e do obscuro.

Agora, em que até os domínios das profundezas do mar e as regiões polares passaram a estar ao nosso alcance, a linha limite da influência humana está a deslocar-se para as esferas extraterrestres, para as regiões aparentemente desérticas dos planetas vizinhos, que configuram a nova «terra de ninguém» e sobre a qual incidem inevitavelmente as mesmas reivindicações territoriais que outrora caracterizaram a colonização das terras desconhecidas encontradas. É quase como se uma parte da humanidade, profundamente visionária mas esquecida da história, se encontrasse aprisionada numa espécie de repetição compulsiva, em que o impulso de explorar mundos longínquos não reconhece nenhum tabu, nenhum *non plus ultra*, mas apenas, quando muito, os limites do que é tecnicamente exequível. E ainda que a exploração científica em si mesma continue a ser considerada um superior serviço que é prestado ao público em geral, acaba sempre por resultar num aproveitamento económico manobrado por uma minoria.

Talvez não seja de estranhar que, num período de isolamento involuntário — um conceito derivado de *isola*, a palavra latina para «ilha», que não significa outra coisa senão «insularização», isolamento —, que transformou grande parte das áreas do mundo habitadas por seres humanos em meras ilhas de núcleos familiares, tenha sentido em mim o desejo de me dedicar uma vez mais ao meu *Atlas de Ilhas*

Remotas. E, ao fazê-lo, encontrei mais cinco ilhas que podem até ser geograficamente remotas, mas cujas histórias conduzem ao centro da essência híbrida das ilhas: entre o selvagem e o cultivado, entre o abandono e a ligação, entre a quimera e a desilusão.

Ao mesmo tempo, aproveitei essa oportunidade para atualizar os factos do livro — como o número de habitantes ou de residentes — e para verificar no cronograma os dados oficiais indicados sobre a descoberta de cada uma das áreas, no sentido de determinar se a ilha visitada pelos marinheiros era já habitada nessa altura. Quando se verificou ser esse o caso, substituí «descoberta» por «encontrada», um verbo cujo laconismo confere alguma modéstia ao ato pomposamente encenado da suposta descoberta.

A ânsia de visitar todos os cantos e recantos do mundo pode ter consequências graves, como o demonstra a população de ratos domésticos da ilha → **Gonçalo Álvares (90)**, no Atlântico Sul, que, dada a ausência de inimigos naturais, sofreram uma mutação que tornou os seus corpos enormes e lhes deu uma massa descomunal. Levados sem querer para a ilha por caçadores de baleias e focas, no início do século XIX, estes roedores altamente sociáveis passaram, com o tempo, por uma evolução que se foi ajustando de forma cada vez mais subtil às condições locais — graças a qualidades extraordinárias, como a capacidade de adaptação, as rápidas mudanças geracionais e a tendência para mutações que predestinaram os seus congêneres menos favorecidos pelo destino a transformar-se, na sequência de contínuos acasalamentos consanguíneos, nos

Com o seu *Atlas*, fruto de um fascínio pela cartografia e por viagens imaginadas, Judith Schalansky leva-nos a cinquenta e cinco ilhas misteriosas, longe dos cruzeiros organizados, dos aeroportos, das brochuras de férias e até do Google Earth. Entrelaçando factos e ficção, cria pequenos mundos habitados por animais raros e homens estranhos, escravos naufragados e cientistas solitários, exploradores perdidos e faroleiros loucos, náufragos esquecidos e marinheiros amotinados. Eis a prova de que as grandes viagens ainda acontecem a bordo da imaginação, num ambiente de isolamento e quietude, com um dedo apontado para um mapa.

Atlas de Ilhas Remotas venceu o Prémio de Livro mais Belo do Ano na Alemanha e é uma das obras mais emblemáticas de Judith Schalansky. Um livro-objeto para fruir e guardar.

«Este livro justifica plenamente o reconhecimento do atlas como literatura, digno do seu nome original: *theatrum orbis terrarum*, “o teatro do mundo”.»

Robert MacFarlane

«Uma espécie de poesia em prosa,
com um toque de insanidade.»

The Paris Review



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

  [penguinlivros](https://www.penguinlivros.pt)

ISBN: 978-989-583-654-3



9 789895 836543